

Occursus  
Revista de Filosofia

**A RELIGIÃO COMO EXPRESSÃO LEGÍTIMA DA ESSÊNCIA HUMANA EM  
LUDWIG FEUERBACH**

João Batista Mulato Santos<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo objetiva demonstrar como o cristianismo expressa a essência humana através de seus símbolos sagrados. Serão destacados dois momentos distintos em *A Essência do Cristianismo (Das Wesen des Christentums)* (1841) de Ludwig Feuerbach (1804-1872). O primeiro é marcado com o que há de positivo na religião e o segundo com o que há de negativo. Inicialmente será exposto o que a religião cristã expressa de verdadeiro, isto é, o desvelamento antropológico. Em seguida será demonstrado como o cristianismo aliena o homem de sua própria essência. Assim, concluir-se-á com a proposta ética esboçada por Feuerbach a partir da negação da religião.

**Palavras-chave:** Feuerbach. Religião Cristã. Homem. Essência Genérica. Indivíduo.

**RELIGION AS A LEGITIMATE EXPRESSION OF HUMAN ESSENCE IN  
LUDWIG FEUERBACH**

**Abstract:** The present work aims to demonstrate how Christianity expresses the human essence through its sacred symbols. Two different moments will be highlighted in *The Essence of Christianity (Das Wesen des Christentums)* (1841) by Ludwig Feuerbach (1804-1872). The first is marked with what is positive in religion and the second with what is negative. Initially will be exposed what the Christian religion expresses as true, that is, the anthropological unveiling. It will then be shown how Christianity alienates man from his own essence. Thus, we will conclude with the ethical proposal outlined by Feuerbach from the negation of religion.

**Keywords:** Feuerbach. Christian Religion. Man. Generic Essence. Individual.

## 1. Introdução

Ludwig Andreas Feuerbach (1804–1872) é um filósofo de grande relevância para a história da filosofia. Seu mérito não consiste apenas em ter sido um pensador crítico de Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831) e uma influência direta a Karl

---

<sup>1</sup> Graduado em filosofia pela Universidade Estadual do Ceará – UECE e mestre em filosofia pela Universidade Federal do Ceará - UFC. Membro do Grupo de Estudos em Feuerbach – GELF coordenado pelo prof. Dr. Eduardo Ferreira Chagas. E – mail: m.i.n.joao.batista@gmail.com.

## A religião como expressão legítima da essência humana em Ludwig Feuerbach

Marx (1818-1883), reduzi-lo a isso seria uma grande injustiça. Adriana Veríssimo Serrão<sup>2</sup> esclarece que está ultrapassada essa imagem de Feuerbach como um simples pensador de transição entre Hegel e Marx limitando-o a uma função secundária na filosofia moderna e pontua de modo incisivo a inovação do pensamento feuerbachiano, portador de grande coragem principalmente por se entregar como nenhum outro ao seu precioso objeto de estudo, isto é, a religião.

Feuerbach é categórico ao afirmar que teologia é antropologia e todo pensamento do homem a respeito de Deus é um pensamento sobre ele mesmo, embora de maneira indireta. Para o filósofo, a religião cristã, em especial, se configura como a legítima expressão de tudo aquilo que o homem sente, pensa e deseja. Desta forma, esta análise, em um primeiro momento, concentrar-se-á na religião cristã destacando tudo o que ela revela de mais positivo sobre o homem. Serão articulados os primeiros conceitos sobre os quais Feuerbach se detém a desvelar a essência humana e como a religião expressa de modo indireto e inconsciente, através de seus objetos sagrados de adoração, essa essência.

### **2. A essência verdadeira da religião cristã: a antropológica**

A grande meta de Feuerbach ao longo de *A Essência do Cristianismo* (1841) é desvelar os segredos da essência da religião cristã encobertos pelo manto do sobrenatural e, a partir de então, decodificar os símbolos sagrados da cristandade, mostrando que aquilo que a religião expõe como algo do além se refere a algo do aquém, sem em momento algum deixar de dar a devida importância que os assuntos religiosos merecem. Sua filosofia se concentra ao mesmo tempo em que elabora um “modelo humano da razão”, como salienta Adriana Serrão, também indica uma reconciliação do homem consigo mesmo, ou melhor, com sua própria essência.

[...] o pensamento de Feuerbach é mobilizado por uma intuição central, que deve mesmo ser considerada com seu problema único: a instauração simultânea de um *modelo humano da razão* e de uma concepção integral do ser humano. (SERRÃO, 1999, p. 20, grifo do autor).

Para tanto, o autor busca através de vários artifícios históricos explicar e fundamentar filosoficamente como a religião cristã expressa verdadeiramente a referida

---

<sup>2</sup> Presidenta do Conselho Científico da Sociedade Feuerbach e tradutora das maiores obras deste filósofo para a língua portuguesa.

essência humana. Tal procedimento ele denomina de histórico-filosófico porque vai além de uma mera preocupação sobre a veracidade dos acontecimentos sobrenaturais relatados nos livros religiosos e se concentra em entender os motivos que levaram os homens a registrar tais acontecimentos como eventos fantásticos e o que eles significam a partir de um ponto de vista mais reflexivo, filosófico.

[...] meu livro nada mais é que uma análise fiel, que se atém da maneira mais rigorosa a seu objeto, uma análise histórica e filosófica, a “autodesilusão”, a “autoconsciência” da religião. Uma análise histórico-filosófica, em contraste com as análises somente históricas do cristianismo. O historiador mostra, como p. ex. Daumer, que a ceia é um ritual oriundo do antigo sacrifício humano, que, em tempos remotos, ao invés de pão e vinho era digerida carne humana real e sangue. Eu, porém, tomo por objeto da minha análise e redução apenas o significado cristão da mesma ou sancionado pelo cristianismo e sigo aí o princípio de que somente o significado que tem um dogma ou instituição para o cristianismo [...]. Não pergunto se este ou aquele, mas se o milagre em geral pode ou não acontecer; mostro apenas o que é o milagre e não o *a priori*, mas através dos exemplos dos milagres que são narrados na Bíblia como fatos reais e com isto soluciono exatamente a questão da possibilidade, realidade ou necessidade do milagre de uma forma que anula até mesmo a possibilidade destas questões. (FEUERBACH. 2007, p. 26-27).

Em *A Essência do Cristianismo* Feuerbach objetiva expor os elementos fundamentais que alicerçam a religião cristã, de forma minuciosa e precisa, como só um apaixonado pelo assunto poderia fazer. Nesta obra ele detalha os pontos principais para compreendermos em que se baseia o Cristianismo, sem considerar nenhum princípio abstrato, mas em momento algum tenta simplesmente destruí-la ou silenciar sua voz sentenciando-a como uma mera ilusão ou uma quimera, algo já feito por outros filósofos.

[...] não digo absolutamente (e quão fácil seria para mim!) – Deus não é nada, a Trindade não é nada, a palavra de Deus não é nada etc., mostro apenas que tais coisas não são o que são na ilusão da teologia, que não são mistérios estranhos, mas íntimos, os mistérios da natureza humana; mostro apenas que a religião toma a essência aparente e superficial da natureza e da humanidade por sua essência verdadeira e interior e por isso imagina a essência verdadeira esotérica da mesma como uma essência estranha e especial.[...]. (FEUERBACH. 2007, p. 24).

Mas, contrário a isso, o filósofo ateu pretende redescobri-la e, desta forma, redescobrir também o homem. Entendendo a religião cristã podemos melhor entender o homem cristão, pois a religião expressa aquilo que o homem é, aquilo que deseja, seus

## Occursus

### Revista de Filosofia

maiores anseios, amores, temores e sentimentos mais elevados e profundos, uma vez que teologia é, para Feuerbach, o mesmo que antropologia.

Na busca da compreensão do homem cristão e, conseqüentemente, da religião cristã, Feuerbach se depara com um tipo de homem religioso distinto dos demais. O cristão se desprende das peculiaridades de espécie, ou seja, as crenças que só fazem sentido para determinado povo, e eleva-se a pretensões universais, uma vez que seu Deus faz sentido para qualquer ser humano. Independentemente de sua nacionalidade ou etnia, qualquer homem pode se tornar cristão sem grandes exigências, assim, o Cristianismo atinge qualquer um, pois tem como base aquilo que todo e qualquer indivíduo possui, isto é, uma essência.

A essência genérica do homem é o que lhe há de mais íntimo, o define e o fundamenta. Essa essência é constituída por três elementos comuns a todos, isto é, são essências que definem aquilo que um homem é por completo. Vontade, razão e coração são elementos absolutos e perfeitos por serem finalidades em si mesmas. Neste sentido:

Um homem completo possui a força do pensamento, a força da vontade e a força do coração. A força do pensamento é a luz do conhecimento, a força da vontade é a energia do caráter, a força do coração é o amor. Razão, amor e vontade são perfeições, são os mais altos poderes, são a essência absoluta do homem enquanto homem e a finalidade de sua existência. (FEUERBACH. 2005, p. 36).

Feuerbach é categórico ao afirmar que a essência genérica do homem e a essência do Cristianismo são a mesma. O Deus do Cristianismo e o homem compartilham da mesma essência e por isso mesmo ele pode atingir qualquer povo, nação ou espécie. É importante frisar que a essência genérica do homem são as determinações constitutivas daquilo que ele é enquanto gênero e não apenas propriedades que ele possui ou meras características<sup>3</sup>. No Cristianismo essa essência é objetivada em Deus, ou seja, a religião cristã concentra as qualidades de todo o gênero humano em sua divindade e, desta forma, como Feuerbach destaca, o Cristianismo se eleva em relação às demais religiões porque seu Deus atinge todo o gênero humano, e não apenas determinados povos como, por exemplo, aconteceu com os pagãos:

---

<sup>3</sup>Como bem explana Aquino em seu artigo *Feuerbach e a Fundação Sensível da Filosofia: Imediatidade e Mediação na Relação Eu-Tu*. In: *Kriterion* vol. 55 nº 129, Belo Horizonte Jan/Jun de 2014, p. 02.

## A religião como expressão legítima da essência humana em Ludwig Feurbach

O pagão é patriota, o cristão é cosmopolita, logo é também o deus do pagão um deus patriótico, mas o deus do cristão um deus cosmopolita, isto é, o pagão possui um deus nacional, limitado, porque o pagão não ultrapassou a fronteira de sua nacionalidade, para ele a nação estava acima do homem; mas o cristão possui um deus universal, geral, que abrange todo o universo, porque ele próprio ultrapassa o limite da nacionalidade, não restringe a dignidade e a essência humana dentro de uma nação determinada. (FEUERBACH. 1989, p. 24).

Logo, fica evidente a importância que o autor dá para a religião cristã que é a mais próxima ao homem e também a que mais o elevou à condição de divindade. Afirmar que ela é a mais próxima ao homem consiste em considerar que ela consegue afetá-lo de um modo que atinge seu íntimo por completo, como nenhuma outra o fez, revelando assim que ambos compartilham a mesma essência, pois só um deus que é humano pode afetar o homem da maneira como o Deus cristão afeta.

Feuerbach, enquanto filósofo da sensibilidade, destaca na trindade divina da essência do Cristianismo o amor como importante elemento da religião cristã. Deus é amor, isto é, por misericórdia se fez homem ao se comover com a necessidade e a miséria humana e por esta razão sacrificou seu filho, por compaixão ao homem. Mas o filósofo, em *A Essência do Cristianismo*, desfaz a inversão criada pela religião que nos apresenta um Deus que ama, sofre, tem compaixão e morre pelo homem ao nos fazer notar que Deus já era homem antes mesmo de ser Deus.

Por misericórdia tornou-se Deus um homem - ele já era então em si mesmo um Deus humano antes de se tornar realmente homem; [...] A encarnação foi uma lágrima da compaixão divina, logo, apenas um fenômeno de um ser que sente humanamente e que, por isso, é essencialmente humano. (FEUERBACH. 2007, p. 77).

A religião cristã também é a que mais eleva o homem à condição de divindade, pois a encarnação de Deus em homem “antecede necessariamente ao rebaixamento de Deus em homem” (FEUERBACH, 2007, p. 77), visto que o homem já estava em Deus. Os predicados humanos estavam presentes em Deus antes mesmo que este Deus fosse um deus e posteriormente se tornasse homem, do contrário não faria nenhum sentido que ele viesse a se tornar homem. Para exemplificar esse pensamento Feuerbach cria uma passagem ilustrativa e reflexiva:

Um rei que não trás em seu coração o bem estar de seus súditos [...] que em sua intenção não é um “homem comum”, como diz o povo, um tal rei nunca descerá corporalmente do seu trono para alegrar o seu povo com a sua presença pessoal. Então já não tinha o súdito se elevado a rei antes do rei se rebaixar ao súdito? E uma vez que o

súdito se sente honrado e feliz com a presença pessoal do seu rei, relaciona-se este sentimento somente com o fato em si, ou antes, não se relaciona com o fato da intenção, da essência humanitária, que é o motivo deste fato. (FEUERBACH. 2007, p. 77-88).

Portanto, a partir da supracitada passagem, presente na obra de 1841, nosso filósofo faz com que notemos que o Deus do Cristianismo só consegue afetar o homem de modo completo porque atinge o seu íntimo, o seu coração, a sua essência, e isso só é possível uma vez que ambos se baseiam em uma evidente constituição comum, isto é, o homem e Deus só fazem sentido um para o outro por compartilharem as mesmas qualidades e características essencialmente. Assim, o rei precisou primeiramente ser possuidor da qualidade de súdito para, posteriormente, ser um rei que se importa com um súdito, pois sabe o que é sê-lo. Logo, o Deus dos cristãos já possuía em sua essência qualidades e características estritamente humanas antes mesmo de ser divino.

Feuerbach, ao longo de suas obras, ocupa-se em analisar o Cristianismo primitivo, clássico, isto é, não aquele de sua época que ele já considerava deturpado e vulgar e que se abalava com a mais tênue brisa que pairava sobre sua estrutura frágil e deteriorada por ilusões refinadas e preconceitos de bruxa velha. No segundo prefácio de *A Essência do Cristianismo*, ele fala de preconceitos oriundos da imaginação dos que se escandalizaram com a publicação de sua obra máxima. Neste sentido o filósofo acrescenta:

Não é então para se espantar que a época do cristianismo aparente, ilusório, famigerado, tenha se escandalizado tanto com *A Essência do Cristianismo*. O cristianismo já está tão deturpado e em desuso que até mesmo os representantes oficiais eruditos do cristianismo, os teólogos, não sabem mais ou pelo menos não querem saber o que é o cristianismo. (FEUERBACH. 2007, p. 19).

As objeções levantadas contra a sua obra são rigorosamente rebatidas a partir de testemunhos presentes em livros, ilustrações e documentos, que são as irrefutáveis provas histórico-empíricas em uma tradução fiel e correta da religião cristã.

Feuerbach, na primeira parte de *A Essência do Cristianismo*, descreve aquilo que há de positivo na religião; já na segunda parte, o que há de negativo. Ele se refere ao que há de afirmativo no Cristianismo clássico (note-se o Cristianismo antes de ser teologizado), ao observar que esta religião é uma expressão de universalidade, de gênero, e que a partir dela seus predicados, que na verdade pertencem ao homem, são

## Occursus

### Revista de Filosofia

reconhecidos como algo divino, perfeito e infinito, quando o Cristianismo descreve a essência humana da religião.

Por isso divide-se ela em duas partes das quais, conforme a importância, é a primeira afirmativa, a segunda (incluindo o apêndice) negativa, não totalmente, mas em sua maior parte; em ambas porém é demonstrada a mesma coisa, apenas de modo diverso ou mesmo oposto. A primeira é a solução da religião em sua essência, em sua verdade, a segunda a solução da mesma em suas contradições; a primeira desenvolvimento, a segunda polêmica; aquela pela própria natureza do assunto, mais tranquila, esta mais viva. (FEUERBACH. 2007, p. 23).

Há uma essência verdadeira na religião, e esta é a antropológica, isto é, através da religião podemos conhecer aquilo que a humanidade é. Desta forma, através de uma arqueologia religiosa teremos contato com aquilo que um determinado povo é conforme suas crenças, seus desejos, anseios, e como afirma Feuerbach, seus segredos mais íntimos de amor. No que se segue em sua obra máxima nota-se também aquilo que ele considera negativo na religião cristã: a essência falsa que se mostra quando a religião se torna teologia e o homem é alienado de sua essência.

### **3. A essência falsa da religião: a teologia como negação do homem**

Após a exposição na qual é demonstrado o lado positivo da religião cristã, que expressa como nenhuma outra a essência humana elevando o Cristianismo à condição de religião do amor universal e incondicional, prossegue este estudo com a parte divergente para mesma questão presente no livro. A partir do capítulo XXI de *A Essência do Cristianismo*, Feuerbach inicia sua minuciosa análise sobre o que ele chamou de a essência falsa da religião, isto é, a essência teológica. Para tanto, o autor faz uso, pelo menos no início, de uma abordagem subjetiva<sup>4</sup> na qual ele distingue a teologia cristã das demais devido ao fato de ela ter como preocupação central a salvação do homem. O homem no Cristianismo só pode ser salvo dos juízos errados<sup>5</sup> provenientes da sensibilidade se agir em consonância com as leis de Deus. Deus é uma necessidade para o homem atingir o bem e a felicidade.

---

<sup>4</sup>Embora Feuerbach evite a todo custo usar este termo e seu derivado “subjetivismo”, em determinadas passagens admite que seu uso ele se faz necessário.

<sup>5</sup>Agostinho, em suas **Confissões** (400), afirma que são os juízos que fazemos das sensações, e não elas próprias que nos levam ao erro ou ao engano, isto é, quando queremos ver na sensação a expressão de uma verdade externa ao próprio sujeito. Portanto, erramos quando achamos que a verdade está no mundo sensível.

## A religião como expressão legítima da essência humana em Ludwig Feuerbach

Assim, o Cristianismo se estabelece como uma religião que nega o corpo, a materialidade, isto é, a natureza. Ao negar a natureza, a religião cristã tenta negar a finitude, nossas limitações. Do ponto de vista cristão, estamos presos aqui, no tempo e espaço, em meio à corrupção da matéria, todavia a morte representa a liberdade da carne, da matéria, consistindo em uma extensão de nossa existência no reino dos céus, no além.

A vida “celestial”, “assexuada”, absolutamente subjetiva, é para o Cristianismo o caminho direto para uma vida “futura”, ou seja, para a imortalidade pessoal. O Cristianismo diferencia “a vida do além” da vida real, temporal: enquanto a primeira representa a vida ilimitada, corresponde a segunda à vida escura, obscura, isto é, à vida da dor e do tormento, porque ela está presa, de acordo com o Cristianismo, aos “prazeres da carne”. (CHAGAS. 2011, p. 11).

Mas Feuerbach observa que a natureza é exatamente o contraponto de uma existência infinita que só existe no reino da fabulação, onde a imaginação é o cerne criador que fundamenta, através da razão, esse tipo de pensamento.

Somente quando pensas Deus, pensas a razão como ele é na verdade, não obstante representando este ser, através da imaginação, como um ser diverso da razão, porque como um ser sensorial estás sempre acostumado a distinguir entre o objeto da impressão, o objeto da real, e a imaginação do mesmo, e agora, por meio da imaginação, transfere este hábito também para a razão e com isso colocas, numa inversão, a existência sensorial da qual abstraíste sob a razão, o pensamento. (FEUERBACH. 1988, p.66).

A teologia cristã condena a dimensão natural sensível da natureza humana e em contrapartida eleva o espírito. Ao expressar corporeidade, objetividade, sensibilidade, necessidade, a natureza se torna um contraponto ao sentimento religioso porque através dela se provam os limites da interioridade, da subjetividade do sentimento cristão. A natureza é para a religião cristã uma barreira material que necessariamente se opõe à realidade espiritual, sobrenatural, imposta pela religião.

No Cristianismo o homem se desprende de todas as limitações naturais de espaço e tempo. As necessidades naturais são necessidades mundanas, sob o ponto de vista moral, e devem ser superadas por uma vida virtuosa que aproxima o homem do além e o faz menosprezar o aquém, o aqui e o agora. No Cristianismo o homem idolatra apenas a si mesmo, sua própria essência, ao se desligar de sua conexão com a natureza, fazendo de si uma essência absoluta e sobrenatural, para além da natureza, sendo que esta perde seu devido valor ao se tornar apenas um elo temporário entre o homem e

Deus. Assim sendo, o homem cristão goza apenas de si mesmo ao estabelecer sua própria essência como motivo de idolatria que está acima de qualquer coisa, inclusive da natureza.

Desta forma, a religião aliena o homem de si mesmo quando este cria de modo inconsciente um ente imaginário que congrega sua essência e passa a idolatrá-lo como um ser independente da humanidade. A alienação é, para Feuerbach, uma das principais características de toda religião, mas com o Cristianismo o ente criado pelo sujeito ativo passa para a condição de passivo, dominado. Assim sendo, o destitui de seus atributos de sujeito, e o que antes era sujeito ativo passa a ser predicado. De criador a criatura submissa às "vontades" do objeto criado em sua imaginação, e que é superestimado fantasticamente.

#### **4. O Cristianismo enquanto religião da moral e um contraponto à natureza**

O Cristianismo é a religião da moral, sentencia Feuerbach no capítulo IV de *Essência do Cristianismo*. Com isso ele afirma que na religião cristã a qualidade racional de Deus que se destaca sobre as demais é a perfeição moral. A moral cristã é baseada na razão, isto é, a vontade é perfeita quando está em consonância com a razão, e a partir dessa vontade guiada pela razão é que a consciência moral do sujeito cristão tem condições de se aproximar da perfeição.

Feuerbach não foi o primeiro a notar a consonância entre a razão e a moral cristã, uma vez que Kant nas suas *Preleções sobre a Doutrina Filosófica da Religião* (1783) afirma que Deus é a própria lei moral, mas pensada de modo personificado. O Cristianismo impõe como um dever a ser seguido pela vontade somente aquela lei que tem como fundamento a razão, pois essa lei moral nada mais é do que a essência moral do homem posta como uma essência absoluta derivada da razão. Ela é um objetivo da vontade personificada como um ente moralmente perfeito que se manifesta não somente de modo teórico, mas também e concomitantemente de modo prático.

Não posso pensar a vontade perfeita, a vontade que é idêntica à lei, que é a própria lei, sem pensá-la ao mesmo tempo como objetivo da vontade, como o um dever para mim [...] a idéia de um ente moralmente perfeito não é apenas teórica [...] mas ao mesmo tempo prática [...] (FEUERBACH, 1988, p.74).

Afirmar que ela se manifesta não apenas de modo teórico, mas também e ao mesmo tempo de modo prático significa que o sujeito portador da consciência moral é

## Occursus

### Revista de Filosofia

livre, não depende da natureza para fazer uso da vontade, sendo que esta deve escolher agir em direção à perfeição moral. Neste sentido, Feuerbach observa que ao conduzir o indivíduo para um tipo de ação, a ideia de um ente moralmente perfeito põe em conflito o indivíduo e sua essência gênero, pois se aquele deveria ser algo que ainda não é ela o divide entre o que não é com aquilo que deveria ser, ou seja, o filósofo identifica uma cisão que é martirizante na medida em que compara o indivíduo com o seu gênero.

Feuerbach acrescenta que essa comparação injusta entre a essência genérica, que é perfeita, e o indivíduo está personificada em Deus, sendo capaz de amaldiçoar aquele que não age de acordo com a lei moral.

Esta cisão é na religião ainda mais martirizante, mais terrível na medida em que ela antepõe ao homem a sua própria essência como um outro ser e, além disso, como um ser pessoal, como um ser que odeia, amaldiçoa e exclui os pecadores de sua graça, a fonte de toda salvação e felicidade (FEUERBACH. 1988, p.75).

Na religião cristã esse conflito entre indivíduo e gênero é evidente. Feuerbach conclui a partir dessa análise que o homem deve ser libertado da cisão entre si e o ser perfeito, e isso só será possível quando ele se tornar consciente do poder do amor que é, de acordo com o filósofo, a verdade mais elevada e absoluta. Assim, a divindade idolatrada pelo indivíduo deverá ser considerada não apenas como uma lei, um ser moral e racional, mas acima de tudo como “um ser que ama, que tem coração e que é ele próprio, subjetivamente, um ser humano” (FEUERBACH, 2007, p. 75).

Portanto, o Cristianismo, enquanto religião do amor, destaca-se das outras religiões por esta peculiar característica que se sustenta na mais elevada verdade da essência humana, que é o laço de união entre o pecador e o puro, isto é, entre o imperfeito e o perfeito. Logo, é “o amor do próprio Deus que fortifica o fraco e enfraquece o forte, humilha o soberbo e enaltece o humilde, idealiza a matéria e materializa o espírito” (FEUERBACH, 2007, p. 75).

Desta forma, a religião acaba por alienar o homem de si mesmo quando este cria de modo inconsciente esse ente imaginário e se distancia de sua essência passando a idolatrá-la como um ser independente da humanidade. A alienação é para Feuerbach uma das principais características de toda religião, mas com o Cristianismo o ente criado pelo sujeito ativo passa para a condição de passivo, dominado. Assim sendo, o destitui de seus atributos de sujeito e o que antes era sujeito ativo passa a ser predicado.

A religião como expressão legítima da essência humana em  
Ludwig Feurbach

De criador a criatura submissa às "vontades" do objeto criado em sua imaginação e que é superestimado fantasticamente.

A alienação, sob determinado aspecto, é tornar alheio, transferir para outro o que é seu. Na religião, como repetidas vezes é salientado por Feuerbach, o homem aliena-se, torna alheio a si aquilo que o faz exatamente o que é, isto é, sua essência genérica humana que nocivamente acaba por se concentrar em uma única ideia que o domina, tornando-o passivo em uma relação na qual ele se submete do modo mais bestial ao objeto idolatrado. Sacrifícios, cultos e exploração são justificados em nome do objeto de adoração, e exatamente por isso o filósofo alemão tenta desvelar os mistérios encobertos pelo manto sagrado da ignorância e do desespero. Feuerbach dedica quase exclusivamente toda a sua filosofia a esse objeto de estudo - o sentimento religioso e tudo o que dele se origina. O mundo da sensibilidade é esquecido e o mundo celestial enaltecido.

[...] a transcendência adquire o estatuto de uma ordem autônoma, separada do mundo terreno, como um céu habitado por seres divinos face aos quais o homem perde parte do seu poder, mas através dos quais impõe, por sua vez, o seu poder sobre a Natureza, desprovida de força imanente própria. (SERRÃO. 1999, p. 265) .

O leitor mais atento às obras feurbachianas notará que sua preocupação sobre o tema religioso nunca foi tão atual como neste momento da nossa história. Quando Feuerbach revela, em suas preleções de 1851, que sua meta é clarear a mente daqueles que são dominados e manipulados por outros homens através da religião, que se estabelece como um eficaz instrumento de domínio, o filósofo parecia estar tentando solucionar um problema atual.

Interessa-me acima de tudo, e sempre me interessou, iluminar a obscura essência da religião com a luz da razão, para que finalmente os homens parem de ser explorados, para que deixem de ser joguetes de todos aqueles poderes inimigos da humanidade que, como sempre, servem-se até hoje da nebulosidade da religião para a opressão do homem (FEUERBACH, 1989, p. 28).

A preocupação do autor se debruça, principalmente, sobre a religião racionalizada, ou seja, a teologia. Alguns poderiam discordar de Feuerbach neste momento afirmando que não é Deus ou a religião que promovem tais absurdos, mas a conduta questionável de certos homens que são falsos religiosos. No entanto, esse pensamento simples e ingênuo é facilmente desconstruído ao ser analisado pela ótica feurbachiana quando o autor mergulha fundo na essência da religião e do homem.

Existe, de acordo com o filósofo, uma contradição na mais íntima essência da religião: e a fé e o amor, que possibilita um distanciamento de um em relação ao outro sob o mesmo viés.

Presente no capítulo XXVII de *A Essência do Cristianismo* este tema é possivelmente o mais importante elemento que nos leva a uma compreensão indubitável sobre como a teologia nega o homem. Existe uma dicotomia entre fé e amor. Um não pode existir caso o outro já exista sob o mesmo contexto. Essa dicotomia se refere à contradição inevitável que há entre a fé que é pura subjetividade e o amor que é pura objetividade. Desta forma, Feuerbach elabora um argumento que transforma as bases da religião cristã em um conflito entre o objetivo e o subjetivo.

Podemos compreender que o homem em sentido genérico é negado através da fé, uma vez que a fé, exigência de toda e qualquer religião, é o elo do homem com Deus e, conseqüentemente, um ponto de afastamento do homem com outro homem. Assim sendo, a fé, necessidade suprema da teologia, primeiramente aproxima o homem de Deus para em seguida afastá-lo do homem.

Feuerbach explica ao longo do capítulo presente em *A Essência do Cristianismo* que a fé determina a verdade, e oportunamente esta verdade determinada por ela se refere àquilo que ela determinou atribuindo-a arbitrariamente e oportunamente como verdade a todos: Deus é o verdadeiro e deve ser louvado e adorado.

A fé tem uma verdade determinada, especial, que por isso está necessariamente ligada com a negação, em seu conteúdo. A fé é por natureza exclusiva. Uma só é a verdade, um só é Deus, um só ao qual pertence o monopólio do filho de deus; tudo mais não é nada, é erro, ilusão (FEUERBACH, 1988, p. 246).

A fé não é revelada a todos os homens comuns indistintamente. Ao contrário, o caminho que leva o homem à fé é especial e por isso mesmo o leva também para o seu objeto de adoração, que também é especial, isto é, o seu Deus. Assim sendo, somente os homens distintos que se sacrificam de maneira plena e verdadeira são capazes de atingi-la. Desta forma notamos, necessariamente, que existe sempre uma exigência que conduz o homem por um caminho único, especial, que o distancia da humanidade, do geral, levando-o ao particular. Nega-se assim o próprio gênero em prol de algo particular, estrito e limitado. A valorização do outro, desta maneira, é comprometida, pois a fé toma para si tudo o que é do outro, ou seja, tudo o que é objetivo, a natureza, tudo é

## Occursus

### Revista de Filosofia

apropriado por ela e concentrado em seu objeto fundamental, Deus, de modo soberano e soberbo.

A fé é orgulhosa, e esse orgulho se torna evidente naquele que faz uso dela, o crente. Ele não é um homem comum, é diferente dos outros, pois é especial. Sua distinção se dá devido ao fato de esse homem particular superar os limites da natureza, negando tudo aquilo que o remete a ela. O crente é um homem diferente dos demais, pois está ligado por intermédio da fé ao objeto máximo de sua adoração, Deus.

A fé dá ao homem um sentimento especial de honra e de si mesmo. O crente se acha excelente perante os outros homens, elevado acima do homem natural; ele só se conhece como uma pessoa de distinção, na posse de direitos especiais; os crentes são aristocratas e os descrentes plebeus. Deus é esta diferença personificada e o privilégio do crente perante o descrente (FEUERBACH, 1988, p. 248).

A partir deste ponto de vista Feuerbach em sua análise minuciosa apresenta o outro lado da fé, o oposto ao que é tradicionalmente passado pela teologia. A fé põe o homem particular acima dos demais, pois ele é especial e cheio de honra. No entanto, essa honra não se refere a esse próprio homem, mas a outro, a um ser também especial em quem ele se espelha. Isso ocorre porque a fé imagina sua essência como sendo pertencente a esse outro ser especial, Deus. Então o homem particular, o crente, coloca sua honra, seu orgulho e tudo aquilo que o eleva acima dos outros para o outro ser, não diretamente para si.

Mesmo fazendo do homem crente um ser especial perante os outros, a fé, ainda assim, possibilita a sua negação. Ela anula até mesmo o homem particular porque o transforma enquanto ser ativo em um homem passivo teologicamente, isto é, ela reduz as forças naturais vitais a todo ser humano, não apenas ao crente, em atividade passiva, atividade apenas de sentimento presa no âmbito da subjetividade.

Em síntese, temos aqui o princípio característico da religião, de que ela é o ativo natural transformando num passivo. O pagão se eleva, o cristão sente-se elevado. O cristão transforma numa questão de sentimento, de sensibilidade, o que para o pagão é uma questão de atividade natural. (FEUERBACH, 1988, p. 248).

O homem crente cristão, até mesmo naquilo que o deveria diferir positivamente do homem comum, contraditoriamente e sem que se dê conta, transforma o cerne da doutrina cristã, isto é, a humildade, em algo negativo. Negativo porque, de forma oculta, a humildade não é aquilo que aparentemente deveria ser. Na verdade é o seu contrário,

## A religião como expressão legítima da essência humana em Ludwig Feurbach

ela é um orgulho: “A humildade do crente é um orgulho às avessas - um orgulho que não tem aparências, os sinais exteriores do orgulho.” (FEUERBACH, 2007, p. 248).

Esse orgulho que está embutido na humildade não é exteriorizado de forma clara, e por isso mesmo não é facilmente identificado. Nem mesmo o crente se dá conta de que a humildade, o cerne da doutrina cristã, consiste em uma contradição. O próprio crente é vitimado por isso. Ele não tem culpa. A contradição presente na humildade, ou seja, o fato de ela se mostrar exteriormente como uma virtude, mas consistir exatamente naquilo que mais repudia, isto é, o seu contrário, o orgulho, se manifesta necessariamente para fazer daquele que a tem como uma virtude uma pessoa distinta e especial perante os demais. E o crente não tem culpa disso apenas pelo fato de que ele não se dá conta. Assim, “ele não faz de si mesmo em geral o objetivo da sua própria atividade, mas sim o objetivo, o objeto de Deus” (FEUERBACH, 2007, p. 248).

O homem crente age de acordo com aquilo que é determinado pela fé. Ela determina o que é correto e o que deve ser seguido, submetendo, assim, o crente às suas exigências. A fé é o elemento estrutural de tudo o que vem pela religião, é algo que deve ser atingido primeiramente e mantido para que haja a subsistência do objeto adorado, pois caso ela não seja admitida acima de tudo, se não for ela o primeiro elemento a ser acatado pelo homem religioso todos os outros elementos de ordem divina não farão nenhum sentido, a saber, tudo o que está no invólucro da religião. A fé é algo extremamente determinado. A determinação é uma exigência necessária à sua essência, pois se existe fé existe fé em algo que tem de ser determinado e específico:

A fé é essencialmente uma fé determinada. Deus é o verdadeiro Deus somente nesta determinação. Este Jesus é Cristo, o verdadeiro, único profeta, o filho unigênito de Deus. E neste determinado tu deves crer se não quiseres perder tua felicidade (FEUERBACH, 1988, p. 249).

A fé não é só algo determinado, como já foi explicado, mas é também imperativo. Sua imperatividade consiste no fato de ser exigido do homem religioso que ele seja aquilo que ela determina, isto é, se você não acredita na divindade é contra ela, pois a fé não aceita meio termo. Não existe liberdade para contestar aquilo que ela determina através de seu dogma. O estabelecimento deste dogma é o primeiro passo a ser dado, pois é a partir dele que surgem os demais.

O fato de que, bastando que um dogma fundamental seja estabelecido, aí se liguem questões especiais que devem ser depois decididos dogmaticamente, e que daí resulta uma enfadonha multiplicidade de

dogmas é certamente uma fatalidade, mas não anula a necessidade de que a fé se fixe em dogmas para que com isso ela saiba determinadamente o que ela deve crer e como ela pode alcançar a sua felicidade (FEUERBACH, 1988, p. 249).

O dogma é o ponto de partida para outros dogmas que surgem para nortear, orientar, a conduta do crente em diversos aspectos de sua vida. Mas o dogma só expressa o que a fé já previa, isto é, o dogma só existe devido à fé. Ele é uma expressão necessária que irá fundamentar a fé, embora seja um pressuposto a isso.

Feuerbach encontra nas determinações da fé fundamentadas pelos seus dogmas um ponto importante no afastamento dos homens que creem dos que não creem em um mesmo ser divino. Ao determinar algo, a fé impossibilita, como já foi tratado anteriormente, a existência de qualquer meio termo. Não existe liberdade na fé, ou você é cristão ou anticristão. É a partir desta determinação que o filósofo nota a limitação da fé.

Mas a limitação da fé é tratada de maneira conveniente, oportuna, pela religião. A limitação oriunda da determinação e sua consequência imediata, a delimitação, se contrapõe aos textos bíblicos e, através da arbitrariedade da exegese, uma interpretação conveniente consegue “superar” os limites dos dogmas. Isto é, aquilo que era determinado pela fé através de seus dogmas, estes, ao se mostrarem como algo limitado, pobre, que não mais satisfaz ao homem crente, tornam-se diferentes do modo mais conveniente possível.

E somente a falta de caráter, a descrença crente dos últimos tempos que se esconde por detrás da Bíblia e contrapõe os ditos bíblicos às determinações dogmáticas para, através da arbitrariedade da exegese, se liberta dos limites da dogmática. Mas a fé já desapareceu, já se tornou diferente quando as determinações da fé já sentidas como limitações. (FEUERBACH, 1988, p. 249-50).

Desta forma, podemos compreender que a fé não se fixa nem mesmo naquilo com que ela se compromete. Ao contrário disso, ela, sob o pretexto de crer naquilo que lhe é essencial, acaba crendo no que é vago e indefinido. “[...] ao invés do filho de Deus determinado, característico da Igreja, estabelece uma determinação vaga, que como nenhum outro poderia se atribuir o nome de filho de Deus” (FEUERBACH, 2007, p. 249-50).

Crer, destaca Feuerbach, se torna sinônimo de ser bom e, retomando o que foi dito, a fé não deixa liberdade para meio termo. Logo, não crer é o mesmo que ser mau e,

## Occursus

### Revista de Filosofia

consequentemente, esse argumento cai na mais perversa subjetividade que é representada pela intenção. O descrente, na intenção, é um homem mau por ser inimigo de Cristo, o bem supremo. A fé é seletiva entre os humanos, pois escolhe para si somente aqueles que dela fazem uso, e aos descrentes ela reserva a repulsa e a maldade. A fé isola os homens, negando aqueles que não são a seu favor, julgando-os arbitrariamente como inimigos merecedores das mais terríveis punições: “Abençoado, querido de Deus, participantes da eterna felicidade é o crente, amaldiçoado, expulso de Deus e repudiado pelo o homem é o descrente, pois o que Deus repudia o homem não pode aceitar, não pode poupar.” (FEUERBACH, 1988, p. 251).

O lado cruel da fé também é analisado por Feuerbach, que vê como consequência de tudo que foi exposto uma contradição com aquilo que, no caso da religião cristã, deveria ser sinônimo, mas se apresenta como seu contrário, ou seja, a fé se revela contraditória ao amor.

A fé separa os homens, anula sua essência genérica, enquanto o amor une. O Cristianismo é a religião do amor, mas o amor que nos é apresentado pelo Cristianismo é um amor limitado, ou seja, só existe amor entre aqueles que já são cristãos ou que um dia poderão sê-lo. Neste sentido, faz-se necessário citar a passagem: “O cristão só pode então amar o cristão, ou outro somente como cristão potencial; ele só pode amar o que a fé consagra, abençoa. A fé é o batismo do amor” (FEUERBACH, 2007, p. 251).

Se o amor do Cristianismo só atinge aqueles que através da fé são ou podem se tornar cristãos, então esse tipo peculiar de amor é limitado. Feuerbach desconsidera tal amor como amor, pois, para o filósofo, um amor baseado em um fenômeno especial é uma contradição com a essência do amor, que por sua vez é ilimitada. A essência do amor só pode ser limitada pela razão e supera os limites de qualquer condição que a restrinja a certas especialidades. Feuerbach deixa claro em sua proposta ética que o amor se eleva acima da religião cristã, que ironicamente é considerada a religião do amor, mas não do amor em sentido essencial, genérico, mas particular:

Devemos amar o homem pelo homem. O homem é objeto do amor porque ele é um objeto em si mesmo, porque é um ser racional e apto para o amor. Esta é a lei do gênero, a lei da inteligência. O amor deve ser um amor imediato, sim, ele só é amor enquanto imediato. (FEUERBACH, 1988, p. 263).

## A religião como expressão legítima da essência humana em Ludwig Feurbach

Portanto, a fé anula o homem, nega-o em nome de um objeto divino que na verdade faz parte dele mesmo. E desta forma o aliena de sua essência, de seu gênero, pois ele não se reconhece como um homem completo, uma vez que essa capacidade de auto-reconhecimento já lhe foi tirada. Na teologia, por intermédio da fé o homem é uma criatura essencialmente dependente e incompleta, metade animal, metade anjo. Feuerbach pegou emprestado da religião esses termos para explicar a meta de sua filosofia, e a partir de tal compreensão podemos concluir que o objetivo da fé na religião não é o que parece ser, mas pelo contrário, ela acaba por transformar o homem em um ser nulo que não existe por si, mas pelo objeto por ele criado.

### **5. Considerações finais**

Ao longo do que foi exposto até este momento procurou-se mostrar o que é a religião cristã e como ela corresponde à essência do próprio homem como nenhuma outra religião o fez. Feuerbach, em sua filosofia reconhece a religião positivamente, mas apenas no sentido de que a religião tem de satisfazer as necessidades do coração e do sujeito sensível, que está no mundo à mercê de suas contingências, afirmando assim a sensibilidade e a certeza imediata.

No entanto, a teologia, através do seu elemento fundamental, isto é, a fé, promove a anulação e a segregação do homem e de suas potencialidades. Ao contestar a fé enquanto virtude e identificá-la como uma contradição com o amor, o filósofo tenta fazer com que o homem apartado de sua essência gênero na religião se volte novamente para aquilo que ele é, reconhecendo a si mesmo como o elemento central de sua existência.

Alguns o criticaram por retirar do homem aquilo que ele tinha de mais precioso, a crença em Deus. O homem se realiza e encontra consolo no pai que a todos protege. Feuerbach explica que a meta de sua filosofia não é negar Deus para simplesmente destruí-lo e retirar a ideia que ele promove o bem dos seus filhos perante a aflição de sua existência, mas ao contrário, nega para afirmar.

O filósofo tenta promover o resgate da essência humana, comprometendo-se com o objetivo que visa ao mesmo tempo traçar um modelo humano da razão e fugir dos paradigmas instaurados na modernidade, da prevalência do pensamento técnico-científico e de uma metafísica abstrata, traçando uma concepção integral do ser humano.

Esse projeto feuerbachiano consiste verdadeiramente em uma mistura cuja medida se estabelece de modo igualitária sem a prevalência de um desses elementos sobre o outro.

Enfim, o homem precisa ser resgatado do céu da infinitude, da eternidade, da abstração, para a concretude onde somente a vida é possível. É necessário que o homem reconheça o poderoso Deus nele mesmo, reconhecendo assim suas virtudes para poder ter uma relação harmônica consigo mesmo, livre dos conflitos morais que a religião idealiza. Pois enquanto o homem reconhecer apenas suas fraquezas presentes no campo da individualidade ele sempre projetará aquilo que é seu em outro. Desta maneira, o homem precisa admitir a vida enquanto algo limitado aceitando sua finitude, pois sabe que um dia irá morrer e deve compreender o quão natural é isso para que possa aproveitar o aqui e o agora da maneira mais completa possível sem a necessidade de dar continuidade a esta vida em outra existência presente apenas no reino da fabulação.

#### **Referências bibliográficas:**

AQUINO, João Emiliano Fortaleza de. In: *Feuerbach e a Fundação Sensível da Filosofia: Imediatidade e Mediação na Relação Eu-Tu*. Kriterion vol. 55 nº 129, Belo Horizonte Jan/Jun de 2014. Disponível em: <<http://www.kriterion.org.br/revista-de-filosofia/feuerbach-e-a-fundacao-sensivel-da-filosofia-imediatidade-e-mediacao-na-relacao-eu-tu.html>> Acesso em 08 agos. 2016.

AGOSTINHO, Santo. *De Magistro*. Tradução de J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. *Confissões*. Tradução de J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 1998.

CHAGAS, Eduardo F. *A Aversão do Cristianismo à Natureza em Feuerbach*. In: CHAGAS, Eduardo F. *Ludwig Feuerbach: Filosofia, Religião e Natureza*. São Leopoldo, RS: Nova Harmonia, p. 11-32.

\_\_\_\_\_. *Ludwig Feuerbach: Filosofia, Religião e Natureza*. São Leopoldo, RS: Nova Harmonia, p. 33-49.

FEUERBACH, Ludwig. *A Essência do Cristianismo*. [1841]. Tradução de José da Silva Brandão. Campina-SP: Papirus, 1988.

## Occursus Revista de Filosofia

\_\_\_\_\_. *Princípios da Filosofia do Futuro e outros escritos*. [1843]. Tradução de Artur Mourão. Lisboa: Edições 70, 1988.

\_\_\_\_\_. *Preleções Sobre a Essência da Religião*. [1851]. Tradução de José da Silva Brandão. Papyrus editora, 1989.

\_\_\_\_\_. *A Essência do Cristianismo*. [1841]. Tradução de José da Silva Brandão. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 2007.

KANT, Immanuel. *Crítica da Razão Pura*. 5ª edição. Tradução de Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

\_\_\_\_\_. *Crítica da Razão Prática*. Tradução de Valério Rohden. São Paulo-SP: Martins Fontes, 2003.

\_\_\_\_\_. *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*. Traduzido por Lourival de Queiroz Henkel. São Paulo-SP: Editora Abril, Coleção Os Pensadores, 1973.

LOPES, Rafael Werner. *Instinto de Felicidade e Autopreservação na Ética de Feuerbach*. In:

SERRÃO, Adriana Veríssimo. *A Humanidade Da Razão - Ludwig Feuerbach e o Projecto de uma Antropologia Integral*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1999.

\_\_\_\_\_. In: *Ser e Agir Para Uma Articulação entre Antropologia e Ética em Ludwig Feuerbach*. Revista Dialectus, ano 2, nº 6, Fortaleza, p. 47-59, jan/agos de 2015. Disponível em: <http://www.RevistaDialectus./SereAgirporumaArticulaçãotentreAntropologiaeÉticaemLudwigFeuerbach.html> Acesso em 08 agos. 2016.